

Jovens da Ceilândia reclamam da falta de diversões na cidade que completa hoje 29 anos e não tem cinema, teatro, clube ou casa de espetáculos

CIDADE FERIA

Andrea Cordeiro
Da equipe do Correio

Ricardo Borba



Fugindo da violência, o grupo DF Zulu Breakers se dedica ao break e ao grafite para encontrar formas de se divertir em Ceilândia

Quando quer sair para namorar, dançar ou simplesmente conhecer gente nova, Irene Alves, 16 anos, leva horas caprichando no visual e embarca para o Pistão Sul, em Taguatinga, deixando Ceilândia para trás. A cidade, sua terra natal, apesar de estar completando 29 anos nesta segunda, ainda não tem boate, cinema, teatro, clube ou casa de espetáculos.

“Nenhum *point* onde a gente possa se divertir e encontrar as pessoas”, reclama a estudante. Segundo ela, diversão não é solução, é problema para quem vive na cidade mais populosa do Distrito Federal. O único cinema foi desativado há muitos anos e ninguém lembra quando. Primeiro virou um supermercado, depois foi sede da Igreja Universal e hoje é um galpão vazio.

A cidade que nasceu com o formato de um barril — hoje deformado depois da criação da Expansão do Setor O e do P Sul — já teve uma boate, a One Way, localizada no centro, perto da Feira Permanente. Mas fechou as portas há cinco anos, “depois que um policial que fazia investigação de tráfico de drogas morreu lá dentro”, especula Eduardo de Oliveira, 19 anos, atendente do Hospital Regional da Ceilândia. “Ela ficava lotada nas matinês. Era legal”, lembra.

Agora, Eduardo divide-se entre as paqueras no Pistão Sul e as peladas em um dos incontáveis campos de terra batida que a cidade abriga. “Tem um de areia na QNN 19 que a gente paga dez reais para jogar por duas horas. Muito bom”, revela, feliz.

A divisão de Cultura da Administração Regional da cidade tem projetos e mais projetos que incentivem atividades de lazer e cultura. Mas ainda estão guardados. “Quero fazer um carnaval fora de época aqui. Com trios-elétricos e tudo mais”, avisa, entusiasmado, o diretor Marcos Pereira, 22 anos.

Outro projeto visa a abertura de uma sala de cinema. “Será gratuito, no Centro de Educação para o Trabalho (prédio com bi-

blioteca e dez salas na QNN 14, em Ceilândia Sul)”, garante ele. O único problema é que a futura sala só comportará 250 pessoas e Ceilândia tem 371 mil habitantes — mais de 95 mil são jovens e têm idade entre 15 e 24 anos. Uma salinha desse porte ainda é muito pouco.

ARTE

Com a mesma força que obriga os jovens a sair da cidade em busca de entretenimento, a ausência de diversão inspira muitos deles a criar a alternativa ao descaço. Trinta desses jovens reúnem-se há 11 anos para dançar e grafitar. Eles formam o grupo DF Zulu Breakers, um dos grupos de *hip hop* (movimento que une *rap*, grafite e *break*) mais atuantes no DF. Parte do grupo dedica-se ao grafite e parte ao *break*. Nos dois, o lema é fugir da violência.

Quando não está na escola ou trabalhando com o pai, Leonardo Corrêa de Magalhães, 18 anos, está treinando a dança que exige flexibilidade e domínio do corpo. “Vamos competir em São Paulo em maio e temos chance de ganhar”, anima-se.

Para o encontro em São Paulo, com local e desafiante marcados, o DF Zulu está juntando dinheiro. Parte dele vem com as festas que eles realizam para as pessoas que gostam desse movimento. “Na última, em fevereiro, reunimos mais de 150 jovens”, comemora. Porém, a dificuldade é conseguir espaço para fazer a festa. “Aqui não conseguimos”, avisa Leonardo. A próxima festa será dia 30 de abril no Plano Piloto, no Espaço Cultural 502 Sul. Segundo um dos diretores do grupo, Jailton Albino, o *Supla*, 27 anos, o grupo é aberto para a comunidade. O último trabalho dos grafiteiros foi a redecoração da boate Space World, antiga Zoom, no Gilberto Salomão.

O estigma de cidade violenta e cercada de marginais afugenta os empresários que têm dinheiro para investir em diversão, acredita Alex da Costa, 20 anos, que encontrou o teatro no meio da falta de opções. “Se eu tivesse grana também não abriria um lugar aqui”, garante. Ele e os dois

amigos, Renivaldo do Nascimento, 21 anos, e Cleiton Santana, 18, integram a companhia teatral Idiotas e Tal. Nela, são eles quem escrevem, montam, produzem e apresentam, gratuitamente, nas escolas da cidade.

Os três lamentam que o último *point* de referência, o Quarentão, está fechado há um mês. Foi cedido pela administração para o BRB por 90 dias. “É verdade que toda vez que tinha show tinha violência e alguém morria. Mas não sobrou muita coisa”, lamenta Renivaldo. Para os três, o Pistão Sul não é a única opção de paquera. Eles apostam no pagode que acontece todos os sábados no Centro Comunitário, no Setor O. “Dá para arrumar umas *picotes* (meninas pouco confiáveis) por lá”. Outra opção: as festinhas nas casas dos amigos.